



MARIA JOÃO  
FIALHO GOUVEIA

ROMANCE  
HISTÓRICO

As lutas e os amores  
ilegítimos de uma  
mulher corajosa

MARIA  
DA FONTE

TOP  
SEL  
LER

A Rainha do Povo

## *Dedicatória*

Este livro é dedicado à minha avó, Cesaltina Fialho Gouveia, uma das minhas Marias da Fonte. Com ela cresci, neste Estoril que tanto amo. Com ela desenvolvi princípios e valores. Com ela aprendi a arregaçar as mãos e a ir à luta. Não com foices e varapaus, como a protagonista desta obra, claro está, mas com a mais poderosa das armas: a palavra!

A Cesaltina era uma mulher muito emancipada para o seu tempo. Nascida em 1907, no Montijo, ainda este se chamava Aldegalega. Era a filha mais nova de sete irmãos, e foi praticamente criada pela mais velha dos sete, a minha tia-avó Constância. Muito jovem, trocou a vida doméstica pelo Magistério Primário, que cursou em Lisboa. Já formada, foi destacada para terras distantes, para onde se fez sempre acompanhar pela mãe (a minha bisavó Águeda) e pelo filho, o Zé Fialho de todos os portugueses. Finalmente, foi colocada em Alcabideche, onde deu aulas durante cerca de 30 anos e deixou marcas nas alunas que ainda hoje a recordam com carinho e saudade nos nossos almoços anuais.

A Cesaltina foi grande em afectos e humanidade, como o foi na sua profissão. Precursora do método figurativo, andava sempre carregada de revistas, de onde recortava as imagens

a colar depois nos livros das alunas. Na escola de Alcabideche, que hoje ostenta o seu nome, mandou colocar sinais de trânsito, para ensinar as regras do mesmo às suas pupilas; os sapatos ficavam na sala de entrada, onde as meninas calçavam pantufas, para terem os pés quentes e limpos e para não sujarem o chão; àquelas que não tinham como pagar as suas batas, provia-as ela, confeccionadas a partir das suas. Por tudo isto foi condecorada pelo então Presidente da República, o Almirante Américo Tomás, e mais tarde, ainda em vida, homenageada com uma rua com o seu nome.

A minha avó Cesaltina era uma mulher alegre, cheia de vida, de um riso contagiante e de sorriso aberto; mas também de resposta pronta e acutilante. Não menos admirável era o seu apurado sentido de humor, de que recordo, nomeadamente, a graça com que resolveu o episódio em que um senhor se sentou ao seu lado, de forma larga e espaçosa. Seguiu a Cesaltina, como tantas vezes, no comboio da Linha do Estoril; ao seu lado, sentou-se um homem de forma abundante e avantajada. Sem hesitações, a minha avó perguntou ao cavalheiro:

«Queira desculpar, mas o senhor comprou bilhete?» — perguntou a Cesaltina.

«Comprei!» — retorquiu, surpreendido, o cavalheiro.

«Eu também» — lá rematou ela, desta forma conquistando a sua parte do banco e mais ainda, com o indivíduo a encolher-se a um canto.

Um dos mais importantes legados que dela recebi, porém, foi o gosto pela leitura, com ela a ler-nos, a mim e ao meu irmão mais velho, Paulo, os clássicos portugueses e *O Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, à sombra da pereira que tínhamos no jardim. De tal forma me apaixonei por essas viagens virtuais que todas as noites era apanhada

pela boa da Cesaltina a ler autores lusitanos ou estrangeiros, à luz de uma lanterna, por debaixo dos lençóis. Dela assim bebido o prazer de deambular pelas páginas de um livro alheio, comecei igualmente a cultivar a paixão pela escrita, qualidade imprescindível, dizia a avó, a um ser humano culto e ilustrado. «Nunca te cases com um homem que não saiba escrever!», avisava-me ela.

Da minha doce avó paterna recebi ainda grandes lições de cidadania e solidariedade, que retirei da sua postura digna (política e socialmente), e do seu amparo constante aos que menos tinham.

Às vezes, quando a nostalgia aperta, ou um dia mais cinzento me acentua a sensibilidade, comovo-me com a sua memória e com a soma de todos os momentos que vivemos juntas. Recordo com particular ternura um hábito da Cesaltina que, à primeira vista, parece pequeno, mas que revela o amor com que criava os netos: o de, nos dias de Inverno, se levantar mais cedo para nos aquecer as roupas interiores antes de no-las vestir.

Nunca a esqueço e sei-a sempre por perto. Talvez eu não a deixe partir por a querer ao meu lado. O que sei é que a sinto presente na minha vida, que partilho com ela as minhas alegrias e as minhas vitórias, muitas vezes consequência dos ensinamentos que a ela vou buscar.

São muitas, assim, as razões pelas quais lhe dedico a minha Maria da Fonte. Delas elejo o grande amor que sempre nos uniu e que me tem acompanhado vida fora.

Até um dia, avó!

## Introdução

Maria Angelina da Silva foi baptizada a 13 de Março de 1824, no lugar de Valbom, na freguesia do Salvador de Fontearcada, concelho da Póvoa de Lanhoso. Era filha legítima de Miguel Joaquim da Silva e de Maria Josefa, neta paterna de Manuel da Silva e Maria Antunes e materna de Francisco Ferreira e de Maria Araújo de Taíde. Teve por padrinhos João António de Castro, capitão de milícias de Pernambuco e assistente natural da dita freguesia de Taíde, e D. Angélica de Melo, mulher de Francisco António Rebelo do lugar de Paredes.

A ela se viria a atribuir o feito de ter comandado uma multidão de mulheres contra as autoridades locais, civis e militares, que faziam cumprir as ordens de Costa Cabral, ministro da rainha Dona Maria II. As reformas administrativas instituídas no reino impunham novos impostos e normas que muito transtornavam as pessoas, desgastadas e empobrecidas com as guerras liberais, terminadas cerca de uma década antes. As últimas determinações régias eram vistas com maus olhos pelo povo. Se a cobrança de uma taxa aos homens que percorriam as estradas o afligia, mais o revoltavam as novas leis da saúde referentes aos enterros. A nova legislação exigia

o pagamento de um tributo de covato, a examinação dos corpos por um delegado médico, e, para desespero geral, a proibição de enterrar os mortos dentro das igrejas.

Todo este descontentamento havia de contribuir para o desencadear daquela a que se chamou *A Revolução da Maria da Fonte*.

Foi na Póvoa de Lanhoso, a Nordeste de Braga, que esta espoletou. Não por mera casualidade, ou por força do destino, mas como resposta à severidade e ao rigor com que o seu administrador do concelho, José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, (nomeado pelo governo de Lisboa, que assim estabelecia um novo cargo municipal, pago pelas gentes), fazia cumprir as disposições régias.

O verdadeiro primeiro grito de rebelião soou a 22 de Março de 1846, quando uma turba de camponesas se opôs ao enterro de uma sua conterrânea no adro da igreja. Armadas de foices, chuços e varapaus, escorraçaram o sacerdote, o delegado médico e os coveiros e carregaram aos ombros a defunta até à igreja de Fontarcada, onde elas mesmas a sepultaram. Desde então, muitas foram as situações semelhantes que se repetiram pelo concelho, para desagrado do seu governante.

Entretanto, este mandou prender várias mulheres que tomava por cabecilhas dos tumultos, o que mais incendiou os ânimos das revoltosas. Foi então que, numa manhã fria de Primavera, uma chusma de populares, empunhando os seus habituais instrumentos de lavoura, assaltaram a cadeia, libertando as prisioneiras. À frente, a chefiar as amotinadas, seguia, destemida, Maria Angelina, que se destacou das demais pela sua valentia, pelo vermelho do colete que envergava, e pelos brados de «abaixo os Cabrais!» e «viva a rainha!»

Depois, foi o inferno, com as mulheres a correrem à casa do biltre, a queimarem-lhe os papéis e a ameaçarem fazer o mesmo à sua casa. Exasperado, Ferreira de Mello, que se tinha refugiado noutra local, pediu auxílio militar à capital de distrito. Tardando a ajuda e sucedendo-se os acontecimentos, a exaltação popular foi crescendo de tom. Como fogo em palha seca, os levantamentos alastraram-se a outras terras minhotas, mais tarde, à província vizinha de Trás-os-Montes, e, por fim, às Beiras e à Estremadura, granjeando adeptos e chamando a atenção dos partidários de el-rei D. Miguel, então exilado em Londres.

Numa questão de meses o governo caía, Cabral era desterrado para Espanha e a rainha era obrigada a nomear novo executivo, que confiou ao duque de Palmela. O novo chefe do governo mandou dismantelar as juntas governativas de cariz popular e burguês, que haviam sido formadas um pouco por todo o país. Mas Cabral, a partir do seu exílio, planeava um golpe de Estado, em conluio com Sua Majestade, e não muito depois, o poder régio dava posse ao marechal Saldanha, com promessas de abolir os tão odiados novos impostos.

Tendo provado já o doce sabor da liberdade e do exercício do poder local, as classes mais baixas não aceitaram a dissolução das suas juntas, e a revolta, que, para além de «Maria da Fonte» passou também a chamar-se «Revolução do Minho», estendia-se já a toda a nação. Era a Guerra da Patuleia que se iniciava, travada entre as forças governamentais e as da autoproclamada Junta do Supremo Governo Provisório do Reino, que fazia frente ao poder régio. Às tropas do poder régio aliaram-se, em certas ocasiões, os homens do Partido Legitimista, que, aproveitando a instabilidade que varria Portugal, procuravam trazer de volta e devolver ao trono D. Miguel, o rei deposto.

O conflito prolongou-se por oito meses, com avanços e recuos de ambas as partes, sagrando-se a rainha vencedora, por intervenção das tropas estrangeiras, cujo apoio solicitou.

Pelo caminho perderam-se muitas vidas, o povo conquistou alguns direitos, várias vilas ascenderam a cidades, e os políticos alcançaram e perderam postos, numa dança interminável.

É neste contexto que se desenrola a história de Maria da Fonte, símbolo do poder do povo, que hoje é cantada em hinos e canções e homenageada em estátuas pelo país fora.

Exaltada ou vilipendiada pelos autores (como por Feliciano Castilho e pelo padre Casimiro Vieira, respectivamente), certo é que todos convergem num ponto: Maria da Fonte foi uma mulher que deu voz à voz do povo, incendiando-lhe os peitos contra os desmandos das autoridades cabralistas. Ao seu grito se juntaram de imediato outras mulheres, alguns padres descontentes com a laicização do Estado e com a extinção das ordens religiosas, e, mais tarde, os homens, quando elas, enfim, regressaram aos seus lares.

Contemporâneos, romancistas e historiadores foram-lhe atribuindo várias identidades, quer baseando-se em fontes fidedignas, quer por questões políticas ou por mero romantismo. Desde a Maria da Fonte do Vido, de Camilo Castelo Branco, à taberneira Maria Luiza Balaio, a Joaquina Carneiro, Josefa Caetana, Joana Maria Esteves, Maria da Mota, ou à doceira de Calvos, vários foram os rostos que se concederam à heroína do povo. A par da Balaio, a que mais consenso gera é Maria Angelina. E é esta a minha Maria da Fonte! Aquela que, a meu ver, e de acordo com o resultado da minha pesquisa, em si encerra todas as outras.

A minha protagonista é feita de um entretecer de factos históricos e romanceados, ora reais, ora imaginados. Assim,

a Maria da Fonte que aqui retrato é uma jovem lavradeira, rebelde e resposdona, que foi servir para a casa de uma família burguesa minhota. Foi lá que conheceu um jovem da Alta Burguesia, Túlio Vila Rosa, por quem se apaixonou. Quando o patrão, amigo desse jovem, tomou conhecimento do facto, despediu-a e Maria voltou para a sua vida no campo, na Póvoa de Lanhoso, sua terra natal.

Por esta altura, já as políticas do Administrador do Concelho geravam grande descontentamento. E foi em resposta a esta situação que, quatro anos mais tarde, a população se alevantou, enraivecida, dando origem à insurreição. No calor dos confrontos, Maria conheceu José Maria da Silva, um bandido amigo dos pobres, conhecido como «O Covêlo», e com ele se envolveu.

Entretanto, com o regresso ao poder dos cabralistas, Maria vê-se obrigada a tomar refúgio num outro lugar. Na sua fuga, cruza-se de novo com o seu velho amor, afecto à causa de D. Miguel, que também ela passara a abraçar, e os dois pelejam sob uma mesma bandeira.

Finda a guerra, Túlio deixa a mulher legítima e estabelece-se com Maria Angelina em Famalicão, onde recordam os seus feitos e vivem o Verão e o Outono das suas vidas.

## CAPÍTULO I

### O fogo de Maria

— *M*aria! Maria Angelina! Por onde andas, sua malfadada? *Que mal te fiz, Senhor, para merecer tamanha cruz?* — lamentou-se, desconsolada, a pobre camponesa, lançando as mãos ao céu. — Que tormenta!

— Não praguejes, Maria Josefa! Valha-nos Deus! Vem confessar-te à missa da tarde. A tua filha desobedeceu-te outra vez?

— É o pão nosso de cada dia, senhor padre.

— Eu que o diga, que agora tem ficado em minha casa! — lamuriou-se Celeste Maria, irmã mais velha da catraia.

— Que dizes tu, mulher? — investiu o companheiro de Celeste, ao escutar os queixumes. — Aquela peste voltou a escapulir-se-te? E à vossa mãe? Mal a apanhe, dou-lhe uma lição à moda antiga!

— Calma, António, não será preciso tanto. Encaminhe-me a pequena à igreja com um frete, que eu mesmo cuido de a ensinar — disse o clérigo.

— Ora, ora, quando ela souber ao que vai, senhor cura, há-de embrenhar-se no bosque.

— Pois então não lhe diga que a espera um sermão meu. Ponha-lhe uma cesta no braço com um punhado de hortaliças e mande-a entregar-ma.

— Ainda lhos perde pelo carreiro!

— E eu não o sei? O que interessa é que ela venha ter comigo.

— Está certo, farei como me pede. Mas se o senhor prior não der conta do recado, cá estarei eu para a emendar ao meu jeito.

— Vai ver que não será necessário.

— A sua bênção, padre João.

— O Senhor esteja convosco. Vão em paz, meus filhos. E tem paciência, António, que a gaiata há-de aprender.

— Só se for por milagre!

— Sossegue, homem, sossegue. As palavras do Senhor corrigem mais do que o cinto — despediu-se o sacerdote, tomando a vereda em direcção ao templo.

Era uma manhã de céus claros, a do dia 1 Maio de 1835. Toda a Criação parecia explodir de cor e júbilo. Os largos campos em redor estavam cobertos de papoilas e malmequeres, e Maria saltitava por entre as flores e as altas ervas, como se ela própria fosse um despertar primaveril. A candura dos seus 6 anos de idade fazia-a esquecer as ordens da mãe e da irmã, os castigos do cunhado e as simples tarefas de que fora incumbida. Como habitualmente, a bondosa Josefa confiara-lhe o afazer de dar de comer às galinhas e aos patos, de que a filha tanto gostava, mas nem assim a petiza cumprira o acordo. Ao invés, saíra ligeira e alegre pelos prados fora, aos pulos, fazendo saltar a saiinha velha e remendada, a escorregar-lhe da cintura, e os longos cabelos escuros varrendo o ar à sua passagem. Fora

um melro, com o seu canto sedutor, que a desafiara a essa corrida pela aldeia, ao levantar voo em direcção aos céus. Vai daí, a menina seguiu, cá de baixo, o percurso do pássaro, até o perder de vista; já a sua casa se esbatia num abraço verdejante.

Sem pressa de regressar, deixou-se levar pelos apelos da fértil mãe natureza, engalanada de flores e frutos e crias de toda a espécie, naquela estação em que a vida brotava do ventre da Terra. Embevecida com tais oferendas, colheu flores de várias espécies e matizes, acariciou os cordeirinhos de um rebanho que pastava, desceu à ribeira a molhar as mãozinhas, que, em concha, lhe levaram a água à boca. Depois deitou-se na erva, a mirar as formas das nuvens, as copas das árvores, que uma brisa arrepiava levemente, e as aves que enchiam o firmamento, até que, por fim, adormeceu. Foi a canícula do sol do meio-dia que a despertou da modorra, e ela, logo se espreguiçando e esfregando os olhos, pôs-se de pé num salto, e, tão leve e despreocupadamente como até ali, calcorreou o caminho de casa dos pais, que ficava à beira do lar de Celeste Maria.

À chegada, Celeste Maria aguardava-a impacientemente, receando a reacção do companheiro, que já andava embrenhado na lida da terra, e apressou-se a encarregar a catraia de entregar o cesto ao sacerdote. E assim, tão leve e solta como arribou, lá saiu de novo a pequena Maria, cabriolando pelos carreiros até ao vigário. Paciente, o bom padre João Martins Lopes aceitou a oferenda da menina, fingiu inspeccionar com interesse o seu conteúdo, convidando-a por fim, a acompanhá-lo ao pomar.

— Não queres umas laranjas, Maria Angelina?

— Oh, se quero, senhor prior! — replicou ela prontamente, esfregando as mãos.

— Então, anda daí. Vais colhê-las tu mesma!

— Mas se eu não lhes chego, como hei-de ser eu fazê-lo?

— Eu pego-te ao colo e achego-te a elas. Quando somos nós a colhê-las, sabem melhor.

Minutos mais tarde, enquanto Maria se refastelava com a fruta colhida, o padre atalhou:

— Olha lá, rapariga... Então tu hoje esqueceste-te dos teus deveres e abalaste desenfreada pelos campos?

— Dos meus deveres? Ah, sim, de dar de comer aos animais. Mas não se apoquente, que a esta hora a minha mãe já cuidou deles.

— Certamente que sim, mas a questão aqui é outra.

— Outra, senhor padre? — surpreendia-se a pequena, fitando-o, incerta, com os seus grandes e expressivos olhos castanhos.

— Não sabes a que me refiro, Maria Angelina? — perguntou suavemente o padre, atento à reacção da menina, que acenou que sim com a sua cabecita de cabelos da cor da terra, fechando a expressão. — Não tenhas medo, que eu não te vou ralhar.

— Mas o homem da senhora minha irmã vai. Há-de arriar-me com o cinto.

— Desta vez, não. Já estive de prosa com ele. Agora, tens de me prometer que de ora em diante vais obedecer à tua santa mãezinha e ajudá-la na lida. Assim o teu cunhado não terá por que te reprender.

— Quando não tem, arranja! Não há dia em que não me desanque. — queixou-se Maria Angelina, descoroçoada.

— Exageras, moça.

— Não, meu bom pároco, eu não sou de mentir!

— Bem sei, bem sei, mas talvez empoles um quanto as coisas.

— O António quer mal à minha irmã Celeste por ela ter um filho de outro homem. Passa a vida a condená-la por isso.

Até já lhe assentou a mão! E quando o petiz está em casa da madrinha, é em mim e nela que se vinga.

— Pobre Celeste, não tem tido sorte. A vida pregou-lhe uma rasteira e hoje recrimina-se por disso. Deixa-se ficar.

— Ah, mas dessa vez, não! Nesse dia, quando depois de lhe bater o António começou a dirigir-se a mim, ela atravessou-se-lhe à frente e encarou-o. Levantou o queixo e perguntou-lhe: «Só te sentes homem quando dás em alguém? Olha que bater nos mais fracos não é de grande bravura. Ainda não estás satisfeito? Tens aqui muito em que cascar» — disse pondo as mãos no peito. — «Queres bater, bate em mim, deixa a miúda em paz! Ou então vai à taberna entornar uns canecos. E deixa-te por lá ficar.»

— A menina Celeste a enfrentar o desordeiro, quem havia de dizer?

— Oh, uma coisa de dar gosto! Depois disso, ele ainda andou uns tempos mais manso, mas depois, senhor padre, depois voltou tudo ao mesmo: coça aqui, tareia ali, gritos e zaragatas. É por isso que saio, a sorrir às flores e aos bichos, para longe daquele inferno.

— Ouve, Maria Angelina... se me garantires que vais acatar as ordens da tua mãe e da tua irmã, eu falo com o arruaceiro do teu cunhado e dou-lhe um susto que o há-de trazer aquietado, já que o teu pai não tem peito para o enfrentar.

— E o que lhe vai dizer para o amedrontar?

— Isso são coisas de gente crescida. O Senhor também aos grandes corrige, sabes? Há que seguir os seus caminhos e advertir quem não os segue. Mas agora sossega essa cabecinha, volta para casa e deixa o resto comigo.

— Sim, senhor prior. A sua bênção.

— Deus te abençoe, Maria Angelina. Ele há-de ter uma vida de grandes feitos guardada para ti.

— Quando for maior e tiver forças, vou defender a minha irmã dos maus-tratos daquela peste.

— A julgar pelas ganas que te correm no sangue, hás-de defender todos quantos de ti precisarem! Vá, ala para o lar, que já se vai fazendo tarde.

E lá partiu a pequena Maria Angelina, puxando para cima a saia que se lhe desprendia do pano torcido que a prendia à cinta, galgando os prados e subindo as ligeiras colinas dos dois quilómetros que separavam a igreja e o mosteiro de Fontarcada da sua exígua casa em pedra granítica, no lugar de Simães.

E como era bela a paisagem que rodeava aquele enclave viçoso no coração do Minho! Aninhada entre os vales desenhados pelos rios Ave e Cávado, a vila de Póvoa de Lanhoso, onde se inseria o antigo couto de Fontarcada e os seus limites, engalanava o distrito de Braga com a maravilha dos seus recantos. Planos ou em declive, extensos e férteis campos de lavoura e áreas florestadas cobriam quanto a vista alcançava ao redor, numa mescla de tons pastel e exuberâncias de cor. Mas se os olhos se regalavam com a oferenda do cenário povoense, não menos encantava a música dos sons da terra, presente na voz dos pássaros que lhe percorriam os céus e no suave canto das águas dos seus ribeiros, a que os sinos das igrejas se juntavam.

Do alto do seu castelo centenário, parecia que o Minho inteiro se lhe desenrolava aos pés. Delimitado pelas terras fronteiriças de Amares, Fafe, Guimarães, Vieira do Minho e Braga, e pelas circundantes serras do Carvalho, do Gerês e da Cabreira, o território de Póvoa do Lanhoso, dada a sua privilegiada situação geográfica e estratégica, fora, desde eras já esquecidas, cobiçado pelos vários povos que o habitaram. Rezava que ainda nem o Senhor Jesus Cristo nascera, já gentes

lhe pisavam os chãos de que logo os romanos se apoderaram, trazendo consigo velhos e doutos saberes e a santa fé cristã. Por ali desfilaram ainda nobres e reis, fidalgas e rainhas, deixando marcas da sua presença.

Fora o caso de D. Godinho Fafes, ou Falifaz, pai do alferes-mor do conde D. Henrique, que, em 1067, ali fez alevantar o templo e o mosteiro de Fontarcada, ou de São Salvador, orago da freguesia, cuja coutada se tornou pertença dos frades beneditinos. Também D. Dinis, vendo a fortaleza em ruínas, a mandou restaurar, em nome da defesa do reino, concedendo foral ao concelho de Lanhoso em 1292. Essas histórias sabia-as Maria Angelina todas de cor, de tanto as ouvir contar ao padre da paróquia, tal como de cor conhecia todas as capelinhas dos pios arredores, desde a da sua povoação de Simães, em honra de S. Francisco, às de S. João, Santa Luzia e Santo António, em lugares cercanos. Eram, todas elas, palco anual das celebrações dos seus santinhos. Nenhuma das capelas, porém, se se comparava à da igreja matriz de Fontacarda, na sua nudez de paredes de pedra e de arcos românicos, cujo tímpano do portal ostentava o Cordeiro de Deus, que a pequena passava horas a contemplar.

«Hei-de casar-me aqui!», dizia Maria Angelina ao padre João. «Então, tens de aprender a sua história», retorquia ele. E a menina, ávida de lhe provar que seria digna de um dia, naquele santo chão, vir a receber a bênção de Deus Nosso Senhor para o seu matrimónio, lá repetia que aquela fora fundada no século XI, e que sofrera grandes mudanças «200 anos mais tarde, quando os monges se desentenderam com ricos-homens da região, pelos seus direitos e rendas», e ainda outra vez, no século XVI, «quando foi melhorada e ficou com o aspecto que hoje tem.» O sorriso que invariavelmente via

desenhar-se no rosto redondo do padre tinha para si o sabor do próprio sacramento por que tanto ansiava. Até ao dia em que o colérico António tanto arriou na sua irmã que a petiza decidiu que nunca havia de ter marido.

E os anos foram passando. Maria Angelina era agora uma adolescente de personalidade vincada, e com as formas a afirmarem-se-lhe sob as vestes justas. Essa mesma personalidade que a trouxera de volta à terra, depois de uns meses de trabalho como criada na casa de uns endinheirados de Vieira do Minho, a quem a rapariga, na altura com 12 anos, respondera por diversas vezes com insolência. Dois anos antes, a conselho do pároco, Maria Josefa pusera a filha a servir, esperançosa de que o peso da autoridade dos seus patrões a tornasse menos impertinente e com mais respeito à própria voz da mãe, mas a empresa fruía o efeito contrário.

Com apenas 14 anos, indignada com as condições de vida das gentes mais pobres do antigo couto, Maria Angelina rebelava as suas companheiras contra a miséria que grassava e organizava novenas e peditórios em seu favor. E, tão jovem, chamava também já a si a administração dos dinheiros do tecto que partilhava com a sua irmã, há muito separada do rude parceiro.

Fora a jovem que corra com ele, sob a ameaça do varapau que empunhava, numa noite, como tantas outras, em que ele chegara a casa embriagado e a ameaçar de pancada a mulher por não ter a sopa quente. Revoltada e cansada de assistir às coças que António dava à sua irmã e de ela mesma sentir na pele os seus destratos, Maria Angelina correu ao curral a buscar um bordão que ainda lhe assentou no lombo, fazendo-o ganhar de dor. Preparava-se para lhe desferir novo golpe quando

Celeste interveio, gritando: «Deixa-o ir! Que vá e não volte mais!», dirigindo-se finalmente ao traste com um decidido «Foge, miserável! Foge, que ou ela te mata, ou te mato eu!» E o beerrão lá se escapuliu, com a roupa que trazia posta, pela mata fora, sabedor da força e da determinação das mulheres daquele lugar, que mais pareciam envergar as calças do que muitos machos frouxos.

Por essa altura já João, irmão de Maria Angelina, três anos mais velho que ela, vivia com o tio materno, sapateiro, para com ele aprender o seu ofício. Maria Josefa engravidara três vezes de Miguel Joaquim da Silva, marido e pai dos seus filhos, que, mal a soube grávida da mais velha, se decidiu a fazer dela uma mulher honesta, apressando o casamento. Quando João atingiu os quatro anos e o julgaram capaz de se apartar do seio materno, o seu tio Manuel e a mulher, Ana Jacinta, pais de apenas duas filhas, sugeriram a Miguel e Josefa serem eles a criá-lo. De parcas posses, com três crianças nos braços e cientes de que aqueles podiam prover melhor futuro ao pequeno, lá aceitaram a proposta, sempre, contudo, mantendo o contacto com o menino e fazendo questão de que Maria crescesse perto do irmão.

Por aqueles dias, mais de dez anos passados, João da Silva aproximava-se da idade adulta e exercia com destreza e algum nome o seu mester de artesão. Ao invés da irmã, ou não lhes houvessem os respectivos ambientes familiares sido tão diferentes, era um jovem calmo e ponderado, pouco dado a desentendimentos ou contestações; não raras vezes aconselhava Maria a repensar os seus actos e as suas palavras, em nome de uma existência mais serena e feliz. De pouco ou nada, porém, serviam as suas advertências, pois Maria Angelina tinha em impaciência o que a ele minguava em ardor.

\*\*\*

E, no entanto, horas havia em que Maria Angelina se revelava uma mulher como qualquer outra, terna e movida por instintos maternais. A pequenada adorava-a, e era frequente vê-la rodeada de gaiatos, sob uma árvore ou nos degraus da igreja matriz, sentada, a contar-lhes as histórias que ela mesma, anos antes, havia ouvido ao padre João Martins Lopes. Eram os próprios catraios que lhe pediam que dissertasse sobre este e aquele tema, desde a antiguidade do templo paroquial e da vida dos santos às lendas do castelo sobre a rocha. Ela, feliz por poder mostrar os seus conhecimentos e desejosa de rever nos olhos da sua jovem audiência o mesmo entusiasmo que, em tempos, aquelas narrativas fizeram brilhar nos seus, lá seguia de conto em conto:

— É como vos digo... a mãe do Fundador por aqui passou duas vezes; a primeira, cercada pela própria irmã Urraca no alto castelo, devido a uma disputa de terras e direitos entre as duas; depois, ali se abrigando, já a caminho de Castela, após a derrota numa batalha contra o filho.

— O filho era mau! A perseguir assim a mãe e a prendê-la lá em cima — queixou-se uma garota, de carita pálida e semblante zangado.

— Há quem diga que a prendeu com correntes nos subterrâneos do castelo, Deolinda, mas o padre João acredita que depois de perder a batalha de S. Mamede, Dona Teresa, fugida do infante, procurou refúgio aqui.

— Mas porque é que a mãe e o filho se guerrearam?

— Ora aí está uma boa pergunta, Joaquim! Porque, sendo espanhola, Dona Teresa, instigada por amigos do reino vizinho, queria juntar as nossas terras às de Espanha, enquanto

o filho, Afonso Henriques, sonhava tornar Portugal um país independente.

— O que quer dizer «independente»?

— Independente é uma nação que tem a sua bandeira, a sua língua e os seus hábitos próprios. Provavelmente, se Dona Teresa tivesse levado a sua avante, hoje falávamos todos espanhol! — gracejou, arrebatando sentidas gargalhadas aos petizes, para logo concluir: — Mas felizmente aqui estamos nós, quase duas mil alminhas em terras de Lanhoso, a falar a língua dos poetas, como diz o bom prior.

— Frente à igreja de um mosteiro abandonado! — ajuntou Luísa, filha de uma das beatas do lugar.

— É verdade, rapariga. Desde o século xv, ou mesmo antes, quando deixou de haver frades de S. Benedito nas suas celas, que o mosteiro de Fontarcada está assim, ao abandono, apesar de ter visto os seus privilégios assegurados pelo rei D. Afonso V e de o arcebispo de Braga o haver promovido a centro religioso.

— Gosto mais de coisas de armas e de sangue — atalhou um rapaz mais espigadote, de nome Clemente —, como aquela do massacre do castelo.

— Que horror, Clemente! É tão triste a história! — lamentou a doce Deolinda.

— Terrível, tens razão. Duros eram os velhos costumes! E, todavia, por vezes a raiva e a revolta tomam conta do coração dos homens, quando são vítimas de alguma injustiça ou quando algo lhes é roubado. Foi o que aconteceu com o alcaide da fortaleza do Monte do Pilar, D. Rui Gonçalves de Pereira, a quem chegou a notícia de que a mulher, Inês Sanches, o havia traído com um monge do mosteiro de Bouro. Ou era monge, ou homem que, por disfarce, se faria passar por tal. Enraivecido, este neto distante de D. Nuno Álvares Pereira (o fidalgo que

venceu os espanhóis em Aljubarrota) retomou de imediato o caminho do seu castelo, mandando-o fechar e incendiar com quantos lá dentro se encontrassem, por os ver a todos como aliados da adúltera e do amante. Bom, mas para aliviar os nossos espíritos de tão negra memória, vamos a ver quem me sabe dizer por que outros motivos é a Póvoa de Lanhoso conhecida.

— Pelo seu nome! Vem de lenha, de madeira! — alvitrou Clemente.

— Nada disso! De lanho, corte — atirou Joaquim.

— Não, não é nenhuma dessas a origem do topónimo — interveio o padre João, que, entretanto, se achegara ao agrupo.

— Não? — perguntaram em coro as crianças, de olhos surpresos, pregados no sacerdote.

— O que é um topónimo? — indagou uma delas.

— Topónimo, minha linda menina, é como se chama o nome de um lugar. Quanto à razão de ser do nome do nosso concelho, «Lanhoso» vem da grande quantidade de pedra granítica que por aqui há, a começar pelo imenso rochedo que serve de base à torre.

— Não percebo o que pedra tem a ver com lanho.

— É que «Lanhoso», Luísa, deriva de «laginoso», e «laginoso» vem de «lage».

— Ah! — ouviu-se em unísono.

— Com um professor como o senhor padre, como não havia a Maria Angelina de saber tanta coisa! — concluiu a pequena Ana Teresa.

— A Maria Angelina passou muitas horas à minha beira, a aprender a serenar o seu desassossego e a ouvir-me divagar sobre as veredas da nossa história. De tanto me escutar, tomou-lhe o gosto e agora é ela que vos dá lições da terra, como esta que ora finda.

— Ainda não terminou! Ela ficou de nos dizer por que é famoso o nome da Póvoa.

— Tem paciência, Maria Luísa, que já o sol cai. Continuamos noutro dia, a horas em que o ouro ainda brilhe no céu. E mais não digo por hoje — rematou Maria Angelina, despedindo-se do bando de garotos que ainda a seguiram ao longo de uns quantos metros, para depois cada um tomar o sentido da sua casa.

A aurora que se lhe sucedeu trazia, contudo, más notícias a Maria Angelina, que acordou com a novidade de que os seus parentes lhe haviam conseguido outra casa onde trabalhar, desta feita na vizinha Guimarães. Ainda apelou à intervenção dos seus padrinhos, João António de Castro, capitão de milícias de Pernambuco e D. Angélica de Melo, mas os seus esforços foram em vão: os seus familiares mostravam-se irreduzíveis! Perante os protestos da jovem, logo se convocou um colóquio familiar em casa dos tios maternos, que havendo já casado ambas as filhas, Glicínia e a bondosa Maria Rosa, tinham agora por companhia apenas João. Foi este quem enceu-tou a conversa, fazendo uso da sua proximidade com a irmã e da amizade que ela lhe tinha:

— Tens de ver, Maria, que é o melhor para todos. Com estes tempos de crise, os dinheiros que ganhares serão de boa serventia para os nossos pais e para o sustento da casa.

— Não entendo em que tal me favorece.

— Ora, como não entendes, pois se o lar também é teu? — porfiava João.

— Pelos vistos, em breve deixará de o ser.

— Não sejas dramática, rapariga. Esta tua empreitada será apenas por uns tempos. Logo estarás de volta. E quem sabe

pelo caminho não conheces um homem bom com quem juntares os trapinhos? — atalhou Jacinta.

— Pois, por uns tempos. E, no entanto, já me almeja um destino longe daqui, não é assim, minha tia?

— Seja onde for, Maria. É esse o futuro de qualquer mulher que se preze.

— Mas não o meu, certamente.

— As tuas primas são felizes — contrapôs o tio.

— A Glicínia, talvez; agora a pobre Maria Rosa, com aquele bruto a quem se uniu, não o é de todo.

— Ela não se queixa — teimava o tio.

— Nunca. A minha doce e servil prima nunca se queixará, por mais infeliz que seja. Foi ensinada a aguentar tudo, como manda a decência de uma mulher. Pois eu nunca terei homem!

— Basta! Haja respeito, menina! — bradou o tio Manuel, ruborizado. — Para desgraça chega a da tua pobre irmã, que não teve juízo e se viu sem amparo e com dois filhos para criar. Mas se o teu pai é brando demais, aqui estou eu para te tentar meter algum juízo nessa cabeça desvairada. E não há mais discussões! Amanhã mesmo partes para a casa dos Souza Martinho. Ala, não percas mais tempo. Vai fazer a tua trouxa! Depois tens o resto do dia para fazeres as tuas despedidas e rezares as tuas preces no altar de Fontarcada. E ai de ti se de Guimarães nos chegam relatos de que foste respondona!

Mordendo os lábios para não gritar nem perder o Norte, Maria Angelina virou as costas aos seus, que a haviam traído, e correu à sua casita de pedra num recanto de Simões. Pelo caminho, as lágrimas caíram-lhe amargas, molhando-lhe o rosto, a blusa de gola arrendada, a própria alma. Trazia um role de protestos embrulhados no peito, que lhe doía de ira e de

mágoa, mas nem uma palavra balbuciou. Pela mente, como quem sente a morte aproximar-se, desfilaram lembranças da sua ainda curta vida, ali passadas na feliz miséria dos campos de Lanhoso. Logo, contudo, as sacudiu, por delas fazerem parte as faces desleais dos seus familiares. Já em casa, lançou mão de um pano velho e encardido e atirou lá para dentro umas poucas peças de roupa, uma pequena imagem de São Salvador e um coração de Viana, talhado em madeira, que, em tempos, um artesão local lhe havia feito.

Então, como era seu hábito, saiu por aquelas terras afora, em busca da oferenda da natureza, certa de que, ao invés daqueles em quem mais confiava, esta nunca a desiludiria. Ali, à beira do ribeiro, pelas sombras das árvores, no sopé das colinas, demorou-se todo o santo dia, trocando o beijo da terra pelo adeus às pessoas, que dentro de horas, e por tempo indefinido, deixaria para trás.

Minguava já a luz do dia quando regressou ao lar. Entrou, engoliu uma côdea de pão com azeitonas, pegou na trouxa, e, sem conseguir fitar a mãe e o pai nos olhos, voltou a sair pela porta, sem sequer se lhes dirigir. Nessa noite dormiu no curro, com os animais, com a trouxa por almofada, abraçada ao cão, um velho e grande rafeiro castanho e branco, que não sabia se voltaria a ver.

Assim que o novo dia começou a pintar de tons rosados o firmamento, levantou-se, lavou a cara numa pouca de água de uma bilha ali esquecida e correu a pequena quinta a despedir-se dos seus fiéis amigos. Por fim, tal como ficara combinado com o irmão, reuniu-se-lhe numa encruzilhada, onde ele a esperava com o burrinho que a levaria ao berço de Portugal. Ela seguiu, no lombo do bicho, que mal acusava o seu peso de tão leve que ela era, com João, a pé, ao seu lado, ao longo dos cerca de

20 quilómetros que separavam as duas localidades. E lá rumou Maria, triste e ansiosa, ao novo e desconhecido capítulo da sua vida, numa outra terra, com outros sons, outras cores, outra gente, outro conforto e outros costumes. Que Deus não lhe virasse o rosto!

# ATÉ QUANDO PODE UMA MULHER AGUENTAR A INJUSTIÇA SEM ERGUER A VOZ?

Após as Guerras Liberais que assolaram Portugal durante o século XIX, as decisões do governo de Costa Cabral não são bem recebidas. Os impostos aumentam, as liberdades do povo são atacadas e a Igreja é o próximo alvo. Atenta aos gritos de revolta do seu povo, que também são os seus, e às ideias miguelistas dos seus senhores, está a jovem Maria Angelina.

Despedida por se ter deixado apaixonar, Maria regressa à sua aldeia da freguesia de Fontarcada, na Póvoa de Lanhoso, jurando viver por si, sem ninguém a cortar-lhe as asas. Os ideais, no entanto, não desaparecem, e, quando o governo proíbe o povo de enterrar os mortos nas igrejas, Maria decide tomar medidas. Lideradas por ela e munidas das armas possíveis, como as ferramentas de trabalhar a terra, as mulheres do Minho fazem justiça pelas próprias mãos. Maria de Fontarcada torna-se Maria da Fonte e ganha os contornos de uma líder popular.

Conforme a revolta vai grassando pelo país, forçando o governo a ser demitido e o exército a entrar em cena, Maria da Fonte transforma-se num mito, surpreendendo até aqueles que com ela privavam. Esta é a história desse mito. E da mulher que está na sua origem.

## DA MESMA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-55-5



9 789898 869555

Romance Histórico